

Fernando Sabino, Leitor de Machado de Assis

Professora Doutora Ilca Vieira de Oliveira¹
UNIMONTES

Resumo:

“Não sei se você consegue perceber que no fundo seu livro me interessou muito. Mais que o livro, aliás... Conforme a idade, lhe garanto que você pode ir longe. Mas não como um Jorge Amado, pouco trabalho, ignorância muita, criação de sobra. Você tem que trabalhar dia por dia. Como um Machado de Assis” (ANDRADE, 2003. p.15). Esse fragmento da carta de Mário de Andrade nos conduz a fazer uma reflexão sobre o escritor Fernando Sabino como leitor e divulgador das obras de Machado de Assis. Em nossa investigação, faremos um estudo comparativo das obras *O Encontro Marcado*, *O menino no Espelho*, *O Grande Mentecapto* e *Amor de Capitu*, de Fernando Sabino, com as obras *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, “*O Espelho*”, “*O Alienista*”, de Machado de Assis, observando como se processa o diálogo intertextual entre obras escritas nos séculos XIX e XX.

PALAVRAS-CHAVE: leituras, Fernando Sabino, Machado de Assis.

Abstract:

“I don’t know if you can notice that deep inside your book interested me a lot. More than the book, by the way... According to the age, I can assure you that you are going far. But not as a Jorge Amado, little work, lots of ignorance, plenty of creation. You have to work day by day. As a Machado de Assis” (ANDRADE, 2003, p.15). This extract from Mário de Andrade’s letter leads us to reflect over the writer Fernando Sabino as a reader and promoter of Machado de Assis’ work. In our investigation, we will make a comparative study on the works: *O Encontro Marcado*, *O Menino no Espelho*, *O grande Mentecapto* e *Amor de Capitu*, by Fernando Sabino, with the works: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, “*O Espelho*”, “*O Alienista*”, by Machado de Assis, observing the way the intertextual dialogue is processed among works written on the 19th and 20th centuries.

KEY-WORDS: readings, Fernando Sabino, Machado de Assis.

“Si você, como um Machado de Assis ou um Maupassant, publicar cinco, seis livros de contos, todos iguais a este como valor estético e artístico, você será um grande artista, um formidável escritor, um Machado de Assis, um Maupassant.”
(Mário de Andrade. 2003. p.162)

É no início do primeiro capítulo de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, que o personagem Bento Santiago descreve, por meio do seguinte relato, o episódio que ocorreu com ele quando ia da cidade para o Engenho Novo: “encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus”. (ASSIS, 1995. p.11). Mas o narrador afirma que estava cansado e cochilou, por isso não fez nenhum comentário sobre os versos do rapaz, e o **cochilo** talvez tenha sido uma forma de escapar do outro e não ter que dizer se os versos recitados eram bons ou ruins; essa atitude, no entanto, deixou o rapaz amuado, e o narrador assim esclarece: “dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me *Dom Casmurro*”. (ASSIS, 1995. p.11).

Já no fim desse mesmo capítulo, o narrador faz o seguinte comentário sobre o título do livro: “O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo rancor. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão títulos dos seus autores; alguns nem tanto”. (ASSIS, 1995. p.11-12). Com esse fragmento, Machado de Assis nos leva a pensar na originalidade da escrita literária. O narrador explicita que “Há livros que apenas terão títulos dos seus autores” e “alguns nem tanto”, deixando bem claro com isso que, se o título do livro é do rapaz do trem, a obra também é dele. Assim, o autor do livro explicita que a obra não é mais do seu criador.

O rapaz que viaja no trem com o escritor Bento Santiago procura estabelecer um diálogo com o seu ouvinte, mas os seus versos não são comentados, pois o seu receptor “cochila”, demonstrando que não está muito



interessado nas palavras que o outro diz. Apesar de justificar que estava cansado e que “os versos pode ser que não fossem inteiramente maus”, Bentinho apresenta, para o leitor do seu livro, um julgamento sobre os versos do rapaz. Isso ele não tinha feito no momento em que os versos foram recitados. O desejo do jovem era ser ouvido e, quem sabe, se o personagem Bento Santiago não estivesse fechado à possibilidade de comunicação no momento que “**cochilou**”, não poderia ter nascido, naquele instante, uma amizade entre os dois passageiros do trem? Muitas vezes, um jovem escritor que embarca no mundo da escrita literária precisa somente de alguém com mais experiência para estabelecer diálogos sobre a arte e a criação artística, mas nem sempre encontrará interlocutores que estejam dispostos a conversar, principalmente sobre literatura.

Fernando Sabino teve um destino diferente do vivido pelo rapaz que se sentou ao lado de Bento Santiago, pois, com apenas 18 anos, ele conseguiu ter a sorte de encontrar o escritor Mário de Andrade, com quem estabeleceu um diálogo durante três anos. As conversas entre Fernando Sabino e Mário de Andrade, através das cartas, ocorreram no período de 10/1/1942 a 6/1/1945, tendo sido iniciada a correspondência entre os dois quando Sabino enviou para Mário o seu primeiro livro de contos: *Os grilos não cantam mais*. O escritor paulista demonstrou interesse pelo jovem mineiro e por tudo o que ele escrevia, desde o momento em que leu os contos, como pode ser observado na primeira carta que enviou para Fernando Sabino.

Nessa primeira carta de Mário de Andrade para o jovem Fernando Sabino, em 10 de janeiro de 1942, o já consagrado escritor modernista termina o seu texto com o seguinte comentário: “Não sei se você consegue perceber que no fundo seu livro me interessou muito. Mais que o livro, aliás... Conforme a idade, lhe garanto que você pode ir longe. Mas não como um Jorge Amado, pouco trabalho, ignorância muita, criação de sobra. Você tem que trabalhar dia por dia. Como um Machado de Assis” (ANDRADE, 2003. p.15). Esse fragmento



da carta nos conduz a fazer uma reflexão sobre a escrita de Fernando Sabino como leitor das obras de Machado de Assis.

Em nossa discussão, tentaremos apresentar algumas reflexões sobre: *O Encontro Marcado*, *O menino no Espelho*, *O Grande Mentecapto* e *Amor de Capitu*, de Fernando Sabino, em diálogo com as obras: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, “O Espelho” e “O Alienista”, de Machado de Assis, no intuito de observar como ocorre o processo de “absorção e transformação” dos textos de Machado na escrita de Fernando Sabino. Ao longo da escrita de Fernando Sabino, é possível observar que o aprendiz seguiu os conselhos do mestre Mário de Andrade de “trabalhar dia por dia” para se tornar um grande escritor como Machado de Assis.

A amizade entre os dois escritores ganhou intensidade com o passar dos meses de correspondência. Nas cartas que escrevia para Mário, Sabino confiava ao amigo as suas dúvidas e preocupações literárias, pois desejava se tornar um grande escritor. E pedia auxílio sobre as leituras que deveria fazer e quais os caminhos poderia percorrer. Mário de Andrade, com extrema paciência, respondia com cartas longas e minuciosas, sempre procurando orientar o jovem escritor, expondo reflexões sobre a técnica literária e a obra de arte como realização humana. É no início da correspondência dos dois que Sabino pede para Mário sugestão de leituras que deveria fazer para se transformar em um artista. É na quarta carta de Mário, de 21/3/1942, que encontramos orientações importantes sobre as leituras solicitadas. Vejamos o seu comentário:

Você precisa de uma cultura literária geral, que não deve ser feita duma vez só, mas dentro de um programa que pode durar ponhamos seis anos. Há certas coisas que a gente carece conhecer e gostar. Gostar de, faz parte da dignidade humana do indivíduo. (ANDRADE, 2003. p. 51)

Na concepção de Mário de Andrade, para ser um grande escritor, era preciso, antes de tudo, ser um leitor de autores clássicos da literatura mundial, pois gostar de ler “Faz parte da dignidade do ser”. Mário também apontava que



era importante conhecer os escritores da literatura brasileira, e faz a seguinte sugestão:

E, já falei, creio, você precisa muito de ler Machado de Assis, mas ler com reler, roubando ele, plagiando ele, não no estilo nem no espírito mas na delicadeza de sentimento. Machado de Assis não deve ser pra você um companheiro de vida, mas apenas um tesouro onde você vai roubar. Roube dele tudo quanto possa ser útil a você, jogando o resto fora. Mas sempre não esquecendo que você pode roubar errado. O problema é delicadíssimo. (ANDRADE, 2003. p. 52)

De acordo com Mário de Andrade, Sabino precisava chegar ao estilo de Machado, não por completo, mas ele deveria conseguir chegar a um estilo, em 1952 que fosse “próprio”, que fosse o “correspondente do que foi o estilo de Machado de Assis pro tempo dele” (ANDRADE, 2003. p.52). Assim, para ser um artista, era necessário “apropriar-se” do texto do outro, porém a obtenção da mesma grandiosidade artística e estética do outro dependeria dos leitores que avaliassem a obra no momento de leitura e recepção, pois a obra seria consagrada pelo público leitor.

Em 24 de agosto de 1943, após fazer a leitura dos textos que havia recebido de Fernando Sabino, Mário de Andrade escreveu para ele uma carta expondo um tom eufórico, confessando estar muito feliz com os textos recebidos do amigo. A carta inicia-se com a seguinte exposição:

Acabo de ler duma assentada o conto de Astolfo Malaquias e a novela. Desta eu saí completamente estupefato e desnortiado. A sensação que eu tenho, atravessada de sustos, de medos e até de tristezas, é que você acaba de escrever um coisa muito grande, uma coisa de primeira ordem. (ANDRADE, 2003. p.129)

Com esse comentário, podemos notar uma confissão sincera do mestre que obtinha frutos do seu trabalho de “mentor intelectual”, o qual já havia encorajado e orientado o aprendiz a aprimorar o seu estilo em outras cartas, uma vez que “apontava as qualidades e perdoava os defeitos”. Corrobora esse fato o comentário que Mário faz um pouco mais adiante sobre a novela “A Marca”, o qual vale a pena ser transcrito aqui:



A novela, é assombroso como você está escrevendo bem a prosa de ficção. É uma coisa admirável a sua linguagem e o seu estilo. Você está escrevendo tão bem como Machado de Assis!

Não estou exagerando o meu sentimento, nem sei bem, no estado atônito em que estou, si falar isso é um elogio, Fernando. Porque o fato grave é que você está, com todas as suas liberdades, com todos os seus brasileirismos, você está escrevendo “clássico”! você está “ático”. Confesso que isso é assustador. Depois de Machado de Assis, já se escreveu *adiante* de Machado de Assis. *Mal* mais *adiante*, principalmente o Nordeste e o Rio. Você *volta*, mas é certo que não senti nenhum ranço de academismo, desta vez. (ANDRADE, 2003. p.129-130)

Os comentários sobre técnica literária e valor artístico, juntamente com uma série de elogios sobre a novela, foram importantes para a carreira de Fernando Sabino, pois o incentivo para que o texto fosse publicado ajudou a projetar o escritor e sua obra. Mário, como um amigo, acreditava que a novela deveria ser publicada imediatamente, por isso faz contatos com editores brasileiros. Vejamos o que diz: “‘A Marca’ precisa ser publicada já, pra você se livrar duma talvez obra-prima que está escravizando você. Vou falar com o Martins”. (ANDRADE, 2003. p.132). A referida novela foi publicada em 1944 e fez um grande sucesso.

É na última carta de Mário de Andrade para Fernando Sabino, em 6 de janeiro de 1945, que o mestre comenta o sucesso da novela “A Marca” e aponta as qualidades que Sabino tinha como escritor, animando-o com as seguintes palavras:

vinte e um anos de filhinho de papai, quinze anos de aluno de escolas e professores que ensinaram de acordo com tudo isso. Isso é a sua “sinceridade”. E você sabe que ela não vale um tostão. Agora é que você vai construir a “sua” sinceridade, e a espontaneidade de você. Porque agora é que você vai escolher. Até agora escolheram você. Agora é que você vai saber. Mas pra saber você precisa estudar e refletir muito. Leve três anos pra escrever o seu romance novo. Ou cinco. Não faz mal. (ANDRADE, 2003. p.213)

É essa carta que encerra a longa conversa entre os dois escritores, é nela que Mário de Andrade deixa para o jovem escritor palavras animadoras e ensinamentos que, com certeza, foram importantes para que Fernando Sabino se destacasse na literatura brasileira. Foi uma pena Mário ter morrido tão cedo,



não podendo ver o que o rapaz aprendeu com as longas conversas que eles mantiveram durante os três anos de amizade e cumplicidade.

Ao proferir estas palavras: “Agora é que você vai construir a ‘sua’ sinceridade, e a espontaneidade de você”, o mestre Mário de Andrade orienta o jovem aprendiz a seguir o seu caminho no mundo da arte. Considerando que ele conseguiu escrever algo original e vendo o seu texto como “uma bela coisa”, diz: “Você não errou, você vai pra frente. E vai por caminhos inusitados”, sendo tudo isso resolvido com o tempo, o que daria ao jovem a capacidade de trilhar outros caminhos e “ser ele mesmo”. Mário esclarece que a escrita de outros textos surgiria naturalmente com o tempo, por isso o jovem não precisava ficar tão aflito, antes deveria “estudar muito e refletir”, já que só tinha vinte e um anos e uma vida inteira pela frente e muito o que aprender e escrever.

1. As marcas do outro e a angústia da escrita

“Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é o meu coração.”
(DRUMMOND, 2002. p.5)

O escritor Fernando Sabino estréia na literatura brasileira com o livro de contos *Os grilos não cantam mais*, em 1941, chamou a atenção da crítica com a novela *A marca*, em 1944, que é uma narrativa mais longa, continua escrevendo narrativas mais curtas, tais como contos, crônicas e novelas até 1956, apesar de iniciar o romance *O Grande Mentecapto* no período de 1946-1948, em Nova York, mas só vai terminá-lo em 1979. Com o romance *O Encontro Marcado*, publicado em 1956, esse escritor abre um novo caminho em sua produção literária e confirma a grande dúvida que teve Mário de Andrade quando leu os seus



contos de *Os grilos não cantam mais*, veja o que Mário aponta na primeira carta para Sabino em 10/1/1942:

Mas ainda me pergunto si sua tendência é realmente para o conto e não para o romance... Pela faculdade de observação naturalista, pela riqueza de tipos psicológicos, não sei, sinto em muitos dos nossos cronistas, e em você, romancistas verdadeiros, que por preguiça, por falta de tomar fôlego, erram de espécie, se dispersam no conto, quando são romancistas legítimos. (ANDRADE, 2003. p. 15)

Como podemos perceber, mesmo após esse comentário exposto por Mário nessa primeira carta e de outros que se seguiram ao longo da correspondência dos dois, o escritor Fernando Sabino ainda continua as suas composições literárias na modalidade curta por mais de uma década, não consegue “tomar fôlego” e enveredar pela escrita de uma narrativa mais longa, talvez por medo do fracasso e do desconhecido, ou medo do que vai “encontrar no fundo obscuro do túnel”². Mas, Mário adverte ao jovem escritor em última carta: “Leve três anos pra escrever o seu romance novo. Ou cinco. Não faz mal” (ANDRADE, 2003. p. 213). *O Encontro Marcado*, de 1956, vem exatamente discutir o processo da escrita do livro e os conflitos do escritor no momento de criação da obra de arte. O narrador vai descrevendo o processo de formação do escritor Eduardo Marciano através das descrições e reflexões.

Nas obras: *O Encontro Marcado*, *O Menino no Espelho*, *O Grande Mentecapto* e *Amor de Capitu*, o escritor Fernando Sabino deixa evidente que existe um sujeito leitor dos textos de Machado de Assis. Para compreender o diálogo que acontece entre os textos de Machado e o contexto do século XIX, é preciso que o leitor possua uma leitura mais apurada das obras de Fernando Sabino, pois vamos encontrar, nesses textos escritos no século XX, diálogos explícitos e implícitos com várias narrativas machadianas. Na escrita de Sabino, existem várias marcas da escrita do escritor-pai, pois o escritor-filho prefere não apagá-las, reafirmando a importância do outro, Machado de Assis, para que ele possa projetar a sua imagem no mundo das letras.



Para compor os romances *O Encontro Marcado*, *O Grande Mentecapto* e *Amor de Capitu*, o escritor Fernando Sabino se apropria das técnicas narrativas dos romances de Machado de Assis, quando utiliza narradores em terceira pessoa, mas que de fato é uma falsa terceira pessoa, pois acompanha de perto o seu objeto de relato com mergulho intenso na alma dos personagens. Mas é com o romance autobiográfico, *O Menino no Espelho*, que Sabino retoma o narrador em primeira pessoa, que expressa a subjetividade e o místico, e a escrita memorialista e autobiográfica dos protagonistas Bentinho e Brás Cubas. Os narradores desses romances também estabelecem diálogos com os seus leitores, desenvolvem reflexões críticas sobre a composição do livro e as técnicas da escrita do romance. E também discutem a própria recepção da obra pelo leitor e a construção de uma tradição literária, principalmente a partir do momento em que traz para a cena narrativa os personagens que se tornam escritores a partir das leituras que foram efetuadas durante a fase da infância, da adolescência e da idade adulta, como é o caso de Eduardo Marciano, o menino Fernando e Viramundo. Os protagonistas Eduardo Marciano e Fernando são personagens que escrevem os seus livros como Bento Santiago e Brás Cubas, de Machado.

Com o seu primeiro romance Fernando Sabino nos mostra que aprendeu com o bruxo do Cosme Velho “**as artimanhas**” da escrita, pois Machado é o tesouro que ele foi roubando devagar. É nessa narrativa de *O Encontro Marcado* que o personagem Eduardo Marciano encena toda a angústia de ser escritor, possui um projeto que é escrever um livro, mas a escrita é um processo árduo e envolve uma série de acontecimentos que, muitas vezes, vão atrapalhar o processo de criação. O mais interessante é que o tom realista do narrador prepara o seu personagem para o grande momento de criação. Dulce Mindlin aponta que:

Desde a infância, quando estudava com afincio a língua que mais tarde seria seu instrumental de trabalho, desde a adolescência, quando ensaiava escrever contos, chegando até a ganhar um concurso literário. Não esquecia ele de propiciar-se uma formação



humanística, e não é por acaso que lia Flaubert, Merinée, Machado, Dostoievski, Ortega e Gasset etc. Aparentemente tinha tudo para ser um romancista. (MINDLIN, 1992. p. 102)

Mesmo com todo esse preparo intelectual, vários acontecimentos vão afastar o protagonista da escrita do livro, tais como a natação e o casamento. Mas esse personagem não conseguia perceber que o excesso de racionalismo era a maior causa do fracasso do seu livro. Na primeira parte do romance já encontramos as primeiras reflexões sobre a criação literária, pois no segundo capítulo o narrador descreve uma cena em que os personagens Eduardo, Mauro e Hugo emitem um parecer sobre os contos do jornalista Veiga, mas é após o julgamento de cada um que a visão do narrador se volta para o protagonista e acrescenta: “Eduardo renegara os que havia escrito, fizera novos. Preocupava-se com o fenômeno da criação artística, a consciência profissional, a missão de todo escritor, o artesanato.” (SABINO, 2008. p.61) Outro aspecto relevante do livro e que é necessário discutir aqui é o processo de formação do escritor, que se constitui a partir das leituras que ele fez e a liberdade que possui de expressar as suas idéias. Em diálogo com o diretor do colégio, Eduardo Marciano emite um parecer sobre os clássicos e vai acusar o religioso de proibir a leitura dos autores da literatura brasileira, observe no fragmento a seguir a conversa entre os dois:

O diretor se espantou:

- Como proibido? Tanto livro bom! Os clássicos...
- Os clássicos podem ser bons, mas não agora. A gente lê agora, depois não lê mais, não adianta nada. São bons para gente ler depois de velho.
- Tem Alencar, Coelho Neto, Machado...
- Machado o senhor proibiu.
- Eu? Proibi Machado?
- Proibi Machado, Eça de Queiroz, os franceses quase todos: Flaubert, Balzac... - enumerou, farejando simpatia. (SABINO, 2003. p.46)

Como podemos ver no fragmento acima, Machado é um autor proibido pelo diretor do colégio, mas, ao trazer essa proibição para o centro da discussão, a narrativa problematiza questões sobre a liberdade e a expressão do próprio



indivíduo. O espaço da escola, como lugar de repressões e proibições, é uma síntese das tendências fascistas que eram reproduzidas em todas as esferas sociais do país, pois o momento que o protagonista Eduardo vive a sua juventude, era o governo do Estado Novo. A liberdade de expressão política era proibida e perpetuava um clima de terror e medo. Mas o personagem é aquele que questiona a própria existência de Deus, o louco e o incompreendido, pois o seu excesso de racionalidade faz com que ele duvide até mesmo dos mistérios divinos.

O personagem Eduardo Marciano nos lembra muito o personagem Bento Santiago que é obstinado pela escrita do seu livro e que se refugia no mundo da literatura como uma forma de preencher o vazio existencial e de “atar as duas pontas da vida”. Bento é um personagem maduro que passa a vida a limpo, mas Eduardo ainda não conseguiu dar um salto para o desconhecido, escrever o livro, publicá-lo e mesmo aceitar as críticas dos leitores. Eduardo tem consciência que o processo da escrita só se realiza com a experiência e a vivência. E que o mergulho na alma humana só viria com paciência e tempo, assim poderia colher o fruto maduro, mas ele era um desesperado, tinha um excesso de “ganância de viver” que atrapalhava tudo, colhia o fruto verde e não sabia nunca qual era o seu sabor porque este apodrecia antes de maturar. O próprio personagem, em momento de acontecimentos que vão atrapalhar a escrita do livro e mergulha em seu **eu** e diz:

Lembrava-se do diretor do ginásio, séculos atrás: você acredita em Deus? Já nem sabia em que acreditava, não tinha tempo para pensar. Você vive muito depressa – o pai dizia, era isso, depressa demais. Essa ganância de viver. Gostaria de ser um homem sereno, comedido, um escritor como Machado de Assis. Era preciso ir devagar – saber envelhecer. O fruto que apanhava ainda verde, deixava apodrecer na mão. (SABINO, 2008. p. 159)

O projeto intelectual de Eduardo Marciano não será realizado por causa da sua racionalidade, o personagem é um fracassado, pois o ideal de casar, ter filhos e escrever um livro não vingou; o filho morre antes de nascer, o casamento



acaba com o divórcio. Mesmo diante de todas as frustrações e perdas, o ser humano encontra uma saída, pois existe a possibilidade de “**renascer**” através do encontro com o “**místico**”, que é o encontro consigo mesmo e com a ficção. O personagem tem consciência da sua metamorfose ao dizer que: “- Era inútil, vivia sempre recomeçando, não nascera para vencer, mas para encher raia, tirar o terceiro lugar.” (SABINO, 2008. p. 219) Eduardo Marciano “renascerá” no personagem “anônimo” José Geraldo Peres da Nóbrega e Silva, o Viramundo, e no menino Fernando d’ *O Menino no Espelho*.

Cabe aqui tecer um comentário sobre esse excesso de racionalidade do personagem Eduardo Marciano que não consegue compor o seu livro, pois esse ser de papel nos leva ao ser de carne e osso, o escritor Fernando Sabino, que em momentos de crise existencial revela em cartas para o amigo Mário as suas limitações, frustrações e o medo de não conseguir criar uma verdadeira obra de arte. A biografia do personagem Eduardo vai se construindo a partir da tarefa artística do autor, pois é fundamental representar a vida nos seus valores biográficos, mas o herói não terá uma imagem concluída, pois “o importante não é saber *quem* ele era, mas *o que viveu*, o que fez.” (BAKHTIN, 2000. p. 187) A ficção projeta um herói que mergulha em sua própria angústia existencial, o que de fato ocorre também com o autor. Mikhail Bakhtin, ao tratar do caráter do herói, afirma que: “o autor e o herói pertencem entretanto a um mesmo mundo onde os valores genealógicos conservam toda a sua importância (de uma forma ou de outra – nação, tradição, etc.). (BAKHTIN, 2000. p. 192)

O Grande Mentecapto representa o encontro do escritor consigo mesmo, pois o personagem Viramundo é aquele que “salta para o desconhecido”, é o próprio Macunaíma em busca de sua identidade. O escritor Fernando Sabino já superou todos os medos e os temores do **jovem aprendiz**, que encontramos nas suas cartas para Mário, e que é muito bem representado em sua ficção na figura do escritor Eduardo Marciano, sujeito que queria “mudar o mundo” e ser o modelo de perfeição em tudo que fazia. O personagem Viramundo também



inicia a sua formação religiosa na família e vai para o Seminário como o personagem Bento Santiago, mas esse projeto religioso termina em expulsão por causa de seu comportamento, saindo pelo mundo como um sujeito “anônimo” que percorre todos os lugares de Minas em busca de conhecer a si mesmo.

O encontro do escritor Sabino consigo mesmo se realiza quando ele supera os valores éticos e estéticos e encontra o “caminho da arte” no **mistério**, pois uma coisa é a escrita, outra coisa é a ficção. O salto para o desconhecido é o encontro do escritor com a arte e a superação de todos os obstáculos, principalmente quando reconhece as suas limitações humanas diante de algo bem maior, que pode ser o **mistério**, e quando adquire a capacidade de captar a essência humana e atingir o seu leitor com algo que transcende o **estético**. A obra de arte está no “estético” e no “literário”, mas vai muito além do estético, como bem dizia Mário nas lições de professor: “arte não é beleza só.(...)Arte é um fenômeno de relação, pelo menos entre dois indivíduos, o artista e o espectador.” (ANDRADE, 2003. p.161)

Em *O Menino no Espelho*, de 1982, Fernando Sabino estabelece um diálogo com o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e o conto “O Espelho”, de Machado de Assis. No texto de Sabino, tem-se um escritor adulto que, ao mirar-se no espelho, vê o menino que tinha sido no passado, reconstruindo a sua vida a partir das lembranças da infância feliz na cidade de Belo Horizonte. Os conflitos e angústias do jovem escritor, presentes nas cartas para o amigo Mário de Andrade, já se dissolveram com o tempo. O tempo e a maturidade são remédios para a “ganância estética”, e o escritor adulto volta-se para o passado com nostalgia, demonstrando que a infância do menino será importante para definir a identidade do escritor adulto. Os elementos fantásticos e imaginários que estão presentes nas *Memórias Póstumas* serão retomados nessa narrativa autobiográfica de Sabino.



O escritor adulto, que se olha no espelho e passa a relatar a sua história de vida, remete-nos ao personagem Jacobina do conto “O Espelho” que, em seu relato reflexivo sobre a alma exterior e interior do ser humano, reconstrói a sua própria história de vida. O autor Fernando Sabino também consegue fazer uma reflexão sobre a alma exterior e interior do homem do seu tempo, principalmente quando traz para o centro da sua história a infância feliz do menino que vivera cercado do afeto dos familiares. Quando coloca como epígrafe de seu livro a seguinte frase: “*O menino é o pai do homem*”, de William Wordsworth, leva-nos a pensar imediatamente na narrativa machadiana. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o menino mau da infância será o pai do homem, Brás. A escrita de Machado traz, em sua composição, as teorias deterministas da época e, com isso, vê-se que a origem e o meio em que vive o homem são os responsáveis pela alma exterior e interior do ser. Se Machado de Assis consegue grandiosidade **estética** através de seu estilo e técnica, o escritor do século XX também consegue chegar a um estilo próprio em seu tempo, sendo aplaudido e reverenciado por várias gerações de leitores, chegando a um processo de criação tão sofisticado que pode ser chamado de “obra-prima”.

O tom pessimista e o excesso de racionalismo dos personagens Brás Cubas e Bento Santiago são elementos retomados por Fernando Sabino em suas narrativas; no entanto, o que esse escritor do século XX consegue nos mostrar é que, por mais que mundo esteja esfacelado, ainda é possível acreditar na humanidade. O humano pode ser restaurado através do “**mistério**” que pode ser Deus, a liberdade e a ficção. Nas narrativas de *O Encontro Marcado*, *O Grande Mentecapto* e *O Menino no Espelho*, apesar de Fernando Sabino trazer um reflexão sobre o excesso de racionalidade presente em seus protagonistas Eduardo, Viramundo e Fernando, o escritor encontra uma saída para cada um quando “abre caminho para um recomeço”, através do encontro com Deus, com a morte e com a liberdade.



Machado de Assis, como um grande cronista de seu tempo, conseguiu representar, através de sua escrita, a **alma exterior** do homem do século XIX e tentou captar a **alma interior** desse homem de sua época, com seus conflitos existenciais, suas desilusões amorosas, suas loucuras e decadências. Fernando Sabino consegue, no seu tempo, captar a **alma exterior** das várias Minas e do Brasil por ele encontrado, principalmente através da narrativa d'*O Grande Mentecapto*. Foi capaz também de explicitar muito bem os conflitos interiores do homem do século XX, revelando um **sentimento individual** através de sua escrita autobiográfica e memorialística que se configura nas narrativas: d'*O Menino no Espelho*, *O Encontro Marcado* e *Tabuleiro de Damas*.

2. Iguais, porém diferentes: *Dom casmurro* e *Amor de Capitu*

Com o romance *Amor de Capitu*, o escritor Fernando Sabino nos apresenta uma reescrita do romance enigmático *Dom Casmurro*. O texto suscitou uma série de comentários por parte da crítica, pois muitos dos que leram o romance acharam o texto ruim, considerando a narrativa de Machado de Assis bem melhor. O leitor atual, ao se debruçar sobre o texto de Sabino, vai perceber que está diante de uma narrativa que escreve, em *Amor de Capitu*, uma história semelhante à história escrita por Machado. Esse processo realizado por Fernando Sabino, quando da composição desse romance, faz-nos retomar o conto “Pierre Menard, o autor do Quixote”, de Jorge Luis Borges, que apresenta o personagem Pierre Menard como escritor que dedicou toda a sua vida a escrever o romance *Dom Quixote* contemporâneo. O narrador apresenta o seguinte comentário sobre a arte de Menard:

Não queria compor outro Quixote – o que é fácil, mas o *Quixote*. Inútil acrescentar que nunca enfrentou uma transcrição mecânica do original; não se propunha copiá-lo. Sua admirável ambição era produzir algumas páginas que coincidissem – palavra por palavra e linha por linha – com as de Miguel de Cervantes. (BORGES, 1999. p. 52)



Com esse conto, Borges faz uma reflexão sobre a originalidade na escrita literária. O escritor Fernando Sabino, ao compor a sua narrativa, age como o personagem do conto de Borges, pois consegue escrever uma narrativa que repete o texto de Machado, porém demarca as suas diferenças. Cabe, aqui, algumas perguntas: Por qual motivo Fernando Sabino escreve um romance semelhante ao romance de Machado? O texto de Sabino se destina a que leitores? O texto reescrito não seria uma forma de conduzir o leitor atual a reler o texto enigmático de Machado de Assis?

Com o romance *Amor de Capitu*, Fernando Sabino nos faz repensar o processo da escrita literária, pois leva-nos a refletir sobre a idéia de texto reescrito como um processo natural e contínuo, não como dívida de um escritor em relação a outro. O escritor do século XX fez a sua leitura de *Dom Casmurro* e produziu o seu texto destinado a um outro tipo de público, que se encontra bem distante, culturalmente e historicamente, do público a que a narrativa do século XIX foi destinada. Temos, então, um escritor que vai “roubando Machado de Assis”, como incentivava o seu mestre Mário. Como leitor de Machado e de toda uma tradição literária, Fernando Sabino demonstra ser como o “rastreador del Facundo”, pois ele “busca en la tierra el rastro perdido, encuentra el rumbo en las huellas confusas que han quedado en la llanura. Siempre se trabaja con la tradición cuando no está. Un escritor trabaja en el presente con los rastros de una tradición perdida.” (PIGLIA, 1991. p. 61).

Se, na narrativa de *Dom Casmurro*, o personagem tenta reconstruir a sua história de vida a partir do momento em que deseja recriar os fatos do passado - mesmo tendo consciência de que existem lacunas e falhas em sua narrativa -, no romance *Amor de Capitu*, Fernando Sabino, através do narrador observador, busca reconstruir uma história enigmática bastante lida e conhecida do público brasileiro. A partir da sua memória de leitura, tem-se uma narrativa contemporânea de resgate das **histórias do outro**, de modo que, com a sua imaginação criadora, reconta uma história enigmática através de outra



perspectiva. Com um texto construído através da perspectiva de um narrador em terceira pessoa, Fernando Sabino nos conta a história de Bento Santiago de forma a não induzir o leitor a acreditar na paranóia de Bento nem na traição de Capitu, muito menos fazer o jogo do narrador; o leitor atual, nesse caso, sente-se seduzido pelo texto de Sabino e vai querer voltar ao texto de Machado, estabelecendo, assim, uma leitura dialógica entre os textos e os autores.

Em *Dom Casmurro*, Bento Santiago conseguiu tecer, em seu texto, um discurso extremamente persuasivo que conduz o leitor a acreditar na verdade que é construída por ele, deixando dúvida sobre a pureza de Capitu. Bento Santiago pode ser visto como um louco em suas divagações e fantasias, pois perde a noção de limites entre o real e o imaginário como o personagem Simão Bacamarte, que resolve curar todos os loucos de Itaguaí. O tema da loucura presente em Machado será recuperado por Sabino nos romances *O Encontro Marcado*, *O grande Mentecapto* e *O Menino no Espelho*.

3. O conflito interior: o jogo dos espelhos

*“Espelho meu, espelho meu, existe alguém
mais bonito do que eu?”*

Desde a mitologia greco-latina que encontramos o mito de Narciso, o qual nos diz que Narciso contempla a sua própria imagem nas águas do lago e se apaixona por ela. A Beleza refletida no espelho seria a alma exterior, mas a alma interior, esta é impossível de ser revelada através dos espelhos. Pode ser que, com a escrita, o sujeito consiga expor a sua alma interior. O escritor, como um sujeito narcisista, poderá eternizar a sua imagem interior através da ficção, pois, diferentemente do corpo, que desaparece e se transforma em cinzas com a morte, a escrita é algo que poderá dizer daquele que escreve e se inscreve num determinado momento histórico-cultural. Contudo, a sua imagem exterior, esta só adquire um contorno através do olhar do outro, que pode ser o leitor do seu



texto. O mito da “beleza eterna” ou da “perfeição” persegue todo escritor que, diante da sua própria consciência, deseja ser lido e reconhecido como artista.

Podemos estabelecer, aqui, uma analogia com um dos contos de fadas que apresenta a história da Bruxa malvada que quer matar as mulheres que são mais belas do que ela para poder reinar eternamente, a fim de tratarmos da relação do jovem escritor com os seus predecessores. É possível dizer que o mesmo acontece com o escritor jovem quando se olha no espelho e vê o Outro, o seu pai, que é maior e mais belo do que ele, por isso deseja “matar o próprio pai” para ocupar o seu lugar na tradição literária. Ser figurante da **beleza eterna** ou da **sagração eterna** é o desejo de todo escritor, e muitos vão viver nessa angústia eterna diante dos seus predecessores.

Na última carta de Mário de Andrade para Fernando Sabino, já discutida anteriormente, encontramos os conselhos do mestre que adverte seu discípulo a se desprender dos outros escritores e seguir o seu próprio caminho. Fernando Sabino, apesar de deixar uma série de marcas machadianas em seus textos, consegue se libertar do pai sem precisar matá-lo. Fernando Sabino dialoga com as obras de Machado, sem se colocar em posição de inferioridade, pois conseguiu “ser ele mesmo”, ou seja, ter a sua própria voz e conquistar o seu público leitor no momento em que escrevia. Com isso, Sabino vai **construindo a sua sinceridade** e a sua **espontaneidade**, como tanto queria o seu mestre Mário de Andrade.

4. O menino e o espelho

Na penúltima carta de Mário de Andrade para Fernando Sabino, 3/12/1944, após tecer uma série de considerações sobre a novela “A Marca” e esclarecer alguns mal-entendidos que mantiveram os dois escritores afastados por meses, Mário lembra ao jovem Sabino que, longe de Minas, ele não estava sendo mineiro, mas esquecendo os amigos de Minas, e chega a ponto de fazer o



seguinte comentário: “E você, desprovido por dentro de Minas, é um artista acabado”. (ANDRADE, 2003. p.199). Fernando Sabino não esquece os amigos de Minas, tanto que escreveu o seu romance *O Encontro Marcado*, em 1956, texto que vai consagrá-lo como grande escritor no mundo das letras nacionais. E também segue os conselhos do mestre quando volta para Minas através de *O Grande Mentecapto*, 1979, livro esboçado 33 anos antes, época em que viveu em Nova Iorque.

Mário de Andrade agiu como um importante leitor dos primeiros textos de Sabino, soube reconhecer muito bem as falhas e elogiar aquilo que acreditava ser uma obra de arte, funcionando como uma espécie de espelho para o **menino escritor**. Em várias cartas de Sabino, podemos encontrar um escritor jovem que se vê diante de um escritor já consagrado que tem autoridade no mundo das artes e da literatura. Mário é visto por Sabino como um grande autor e, em alguns momentos de seu relato, Sabino deixa explícito que se sente um menino no mundo literário e que precisa muito das orientações do professor. Com isso, cabe, aqui, dizer que o escritor Mário de Andrade foi, durante muito tempo, espelho para Sabino. E, se dizia para Sabino “roubar Machado” com mente criadora, tal conselho o jovem seguiu muito bem, o que pode ser observado ao longo de suas narrativas, já que conseguiu alcançar um estilo próprio a partir da escrita do outro. Fernando Sabino também foi capaz de **roubar Mário de Andrade**, principalmente ao apropriar-se do estilo de *Macunaíma* para criar *O grande Mentecapto*. É através das loucuras de José Geraldo Peres da Nóbrega e Silva por cidades, vilas e pequenos lugarejos de Minas Gerais que o narrador vai relatando as peripécias do herói por Minas. Isso só vem a confirmar que Minas não fora esquecida por Sabino, já que Mário havia afirmado que, se ele esquecesse a terra natal, ele seria um “artista acabado”. O personagem Viramundo é representado como **louco e revolucionário**, retirado do conto “O Alienista”, de Machado, mas é o sujeito que representa o homem mineiro com todas as suas contradições, percorrendo



todos os espaços geográficos de Minas Gerais. Esse personagem, que percorre todos os espaços de Minas, não é diferente de Brás Cubas, que “viajou à roda da vida”, e de Macunaína, de Mário, que também viajava por todos os lugares do Brasil. No fim da narrativa, tem-se um grande desenlace para o leitor, pois Viramundo age como **libertador** de todos os loucos e mendigos da cidade e morre injustamente pelas mãos dos seus próprios irmãos, como ocorreu com Jesus Cristo. Fernando Sabino explicita, através desse romance, que não é somente leitor da obra de Machado de Assis e de Mário de Andrade, mas de vários autores da literatura universal, da literatura brasileira e da literatura de Minas Gerais.

Este texto é não mais que uma breve reflexão sobre a obra de Sabino como leitor de Machado, podendo ser desdobrado em outros estudos sobre as obras de Fernando Sabino e sobre a intelectualidade mineira e brasileira da década de 40 do século passado.

Referência Bibliográfica

ANDRADE, Mário de. *Cartas a um jovem escritor*. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

ASSIS, Machado de. *O Alienista e o Espelho*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1995.

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1995.

BLOOM, Harold. *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. Trad. de Arthur Nestrovski. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autor do Quixote. In: *Ficções*. Trad. de Carlos Nejar. 7. ed. São Paulo: Globo, 1997. p. 48-57.



MINDLIN, Dulce Maria Viana. *Ficção e mito: a procura de um saber*. Goiânia: Ed. UFGO, 1992.

PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradición. In: *Anais do 2º Congresso da Abralic*. Belo Horizonte: UFMG, 1991. p. 60-66. v. 1.

SABINO, Fernando. *O menino no espelho*. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SABINO, Fernando. *Amor de Capitu*. 81.ed. São Paulo: Ática, 2001.

SABINO, Fernando. *O grande Mentecapto*. 71.ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SABINO, Fernando, ANDRADE, Mário de. *Cartas a um jovem escritor e suas respostas*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. 85. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Notas:

¹ Ilca Vieira de Oliveira é professora de Teoria da Literatura e Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros e Pesquisadora do CNPq. e-mail: ilca.vieira@pq.cnpq.br

² A carta de Fernando Sabino, escrita em 30/12/1942, apresenta um sujeito indeciso e em conflito existencial e que relata para o amigo que está compondo um livro, sobre tal fato diz: “O meu livro vai indo. Peguei no bicho de novo depois de pronto e estou cortando todo o supérfluo. Preciso de uma coragem desgraçada, mas estou empenhado firmemente em reduzi-lo ao essencial. Não sei se o publico”, mais à frente da mesma carta faz o seguinte desabafo: “Coragem eu tenho, se for necessário. Mas é necessário? E até que ponto é preciso reagir? Será preciso sacrificar tudo? Tenho atravessado uma crise tremenda, nem queira saber. Cheguei a um ponto em que sinto que é preciso tomar alguma decisão, quanto antes! Porque se eu caso para depois resolver a questão (e a questão é quase toda essa, como você deve compreender) depois é que não resolvo mesmo. Porque isso de sacrificar amor, facilidade, tudo enfim, eu topo mesmo, estou disposto. Mas sacrificar os outros... Nada pior para um indivíduo do que o dia em que percebe que não há compreensão possível, que isso é quimera, e que ele será sempre como uma região amaldiçoada onde ninguém consegue penetrar... E minha obra, será sacrificada com isso?” (SABINO, 2003. p. 90). Em resposta a essa carta de Sabino, o amigo Mário tece alguns comentários sobre os escritores das regiões norte e nordeste do Brasil e de Minas e São Paulo, compara-os de maneira geral a partir do que conhece de cada região. Apresenta algumas impressões sobre as produções literárias dos escritores dessas regiões e, sobre os escritores mineiros diz que era o excesso de racionalismo, as incertezas em relação ao futuro que vão atrapalhá-los e apresenta o seguinte comentário: “Você se lembra em “Fantasia”, de Walt Disney, aquela passagem da Fuga de Bach, em que se vê um túnel confuso e aquele como que caixão de defunto se bota andando e se anula túnel adentro? A inteligência de vocês, mineiros moços (e aliás de vários moços paulistas também) está muito assim. Não é consciência: é excesso de consciência. Além da dúvida, sempre nobre, sobre o valor pessoal, mas que quando desprovida de ingenuidade nos imobiliza em caixão de defunto, vocês exigem saber o que vão encontrar no fundo obscuro do túnel. E vocês não têm certeza que seja uma qualquer espécie de dia. Assim, nem mesmo o caixão se bota andando.” (ANDRADE, 2003. p. 95). Com isso, Mário deixava bem explícito para Sabino que não se sabe o que vamos encontrar do outro lado do túnel e para saber é preciso atravessá-lo, mesmo quando se tem medo do escuro.

